Algólidas

Algólidas

contos

Alex Sens

Para o Lucas, meu leitor de todas
as vidas, este seu preferido é
minha desvairada oferenda.

Algólida

Algólida (astron.) s. f. Tipo de estrela de curto período, que varia bruscamente de magnitude.

•

Estrela temperamental, pseudônimo de estrela, Maria Callas desses campos curvos, algólida de submergidas Argólidas, quem te viu e agora quem te vê durante as noites de — segundo Rimbaud — mecânica amorosa?

•

Quem te viu e agora, algólida, quem te vê, se és brusca e variável; se imprevista cambias de atitude, altitude e magnitude, com teus olhos de rainha-cláudia, raivosa no teu chapéu de vento; se opões à eternidade o efêmero;

fechas a janela da incômoda madrugada apenas ao longe columbras[1] *o penacho de um cosmonauta, por agora pacífico;*

imagine-se tua metamorfose — talvez em cacto ou sol-da-bolívia —, se avistasses, precedido por uma descarga de milhões de ratos brancos (em lugar da antiga chuva) o operador da bomba.

Murilo Mendes, *Poliedro*

1 Do espanhol: *columbrar*: vislumbrar, entrever.

11 *ÓRBITA*
13 *DEGUSTAÇÃO*
21 *AMOR*
29 *FOMES*
33 *FÚLVIA*
39 *GRATIDÃO*
45 *REFÚGIO*
55 *DEVÂKCHA*
61 *LEMNISCATA*
67 *TREZENTOS (E UM)*
75 *O VELHO*
81 *NARCISOS*
89 *O GUARDA-CHUVA*
95 *FARELOS*
101 *RECEPÇÃO DE ANIMAIS ou*
29 RETRATOS DE UMA TARDE GENÉRICA
111 *LENIDADE*
119 *ADULTOS INVISÍVEIS*
125 *PARQUE DE PERVERSÕES*
131 *Agradecimentos*

ÓRBITA

Uma lua nasce do lado esquerdo do palco. Do direito, o sol. De cada lado, uma luz, e no meio, sentada numa cadeira de balanço, uma mulher. Ela ergue o braço direito e retira de dentro do ouvido uma agulha de tricô de ouro (com um pouco de cera e fiapos de carne). O movimento produz o som de uma colher rasgando um suflê: *sflic*. Ouve-se o som através dos alto-falantes do teatro, alguns embaixo da plateia. Ela segura a agulha com força e espera. Da orelha, escorre um fio de sangue que cobre seu pescoço, depois a clavícula e então o corpo inteiro. Em seguida, retira a segunda agulha de tricô do ouvido esquerdo, desta vez de prata, produzindo um segundo fio de sangue. Com as duas, passa a tricotar um tecido com os fios que saem de sua cabeça. Algo dentro dela se destrava: ouve-se um mecanismo se desdobrando entre os miolos. Então os olhos saem do lugar. O olho esquerdo se descola da cabeça: *ploc!*, flutua diante do rosto, passa pelo nariz. O direito faz outro movimento: de fuga, *fluc!*, afundando para dentro, se escondendo. O barulho de um peixe furando a água, as escamas desse peixe cortando essa água. E ela permanece tricotando. O olho direito desaparece dentro do crânio. O esquerdo faz uma volta, entrando na cova do outro olho, afundando também, e fica por alguns segundos, enquanto o olho direito deixa a cabeça pelo outro

buraco. Ela não deve terminar o tecido de sangue, continua tricotando, seus olhos girando, saindo e entrando do crânio. Os olhos orbitam o nariz, o osso do nariz, e giram. Então a língua dela para o movimento dos olhos — um vê o mundo, o outro, do lado de dentro, não vê. Mas só por algum tempo: ela guarda a língua, chupa os lábios com um estalo, acionando outra vez o carrossel dos olhos, que não param de girar. A atriz morre em cena assim que vem a tontura. A apresentação é feita apenas uma vez. Não há orçamento para sangue de mentira.

DEGUSTAÇÃO

Começava degustando seus dedinhos.

Quando minha língua os tocava, eram muito frios, muito lisos, muito duros, quase os dedos de um cadáver. As pontas eram cascudas e fediam a algo salgado, lembrando a casca de um queijo amarelo que há meses fermenta num lugar escuro. Com a saliva da minha boca e o calor que eu soprava sobre eles, baforando de leve para espantar o cheiro forte, os dedinhos iam ficando quentes e moles, enrugados do jeito que ficavam meus próprios dedos mergulhados na banheira por muito tempo, feito uvas-passas brancas que eu discretamente mordia com fome. Mas os dedinhos dela não tinham um sabor específico depois do susto inicial com o salgado: esse gosto passava, como a primeira sensação estranha de um vinho com muito tanino, e então variava entre o doce e o amargo, embora tivessem aquela consistência esperada de pele, meio borracha, que arranha contra os dentes e produz um arrepio — nela, não em mim.

Alguns dedinhos tinham uma sujeirinha estranha na ponta, como se tivessem revolvido areias úmidas com demasiada força. Sob as unhas, essa mesma areia lhe inoculava certa selvageria — oculta, mas ainda assim uma selvageria. Eu lambia devagar aquela sujeirinha, mordiscava os grãos de areia com força e

medo de que entrassem na minha gengiva; empurrava-os com a ponta da língua para os dentes do fundo, depois trazia-os, degustando-os com cuidado e avaliando oralmente aquela farinha de diamantes, para a cova vermelha e larga diante dos dentes da frente. Se cuspia ou engolia, dependia do olhar dela, dos comandos que seus olhos amarelos me faziam, com ligeiras palpitações de loucura nas pálpebras nacaradas.

As unhas dela tinham arcos cor de marfim. Pareciam novas unhas, mais claras, que nascem espelhadas pelo lado de dentro e invadem as outras, as reais, as duras e quebráveis, como pequenas porções de leite vazadas sem querer em seus dedinhos. Além disso, eram levemente roídas. Roídas e cheias de farpas, com tiras moles de pele nas laterais.

Lentamente passava para o dorso das mãos. Ela gostava e fechava os olhos, esperando que eu continuasse, que eu seguisse cada vez mais para as outras partes do seu corpo. Minha língua, ora tímida, ora lúgubre, ora tépida, de fogo e de sonho, deslizava das mãos para os pulsos cicatrizados.

eles, os pulsos, tinham gosto de laranjas quentes amassadas sob o sol, podres de tão passadas, abandonadas pela vida que ela quase deixou vazar anos antes quando o primeiro filho foi uva-passa no fundo da banheira. eram pulsos mais decorativos do que funcionais, tinham a leveza dos bagaços já ocos, e às vezes, quando ela esticava os dedos para evitar furar meu pescoço, usava-os para prender minha cabeça, para que assim eu me demorasse degustando uma parte específica do seu corpo. é verdade que ela usava as pernas, mas os pulsos pareciam lhe proporcionar mais controle sobre meus movimentos e sobre o tempo que eu permanecia assim.

Em seguida vinham os braços, onde os pelos escuros se eriçavam desejosos. Uma penugem que parecia se desfazer a qualquer toque, como se, deslizados os dedos sobre ela, por menor que fosse a força aplicada, pudesse de repente cair dali numa garoa. Quando minha língua tocava esses pelos, ambos ardiam numa coisa só. Os braços tinham um sabor mais elaborado, aquele dos barris de vinhos há muito maduros. Era essa pele adstringente, tânica, e meu gosto tântrico que a deixavam azul de tesão, mas também de dúvida — porque, no fim, ela não sabia se podia, se tinha a liberdade e a segurança de sentir prazer comigo. Se era permitido olhar para mim daquele jeito e sentir aquelas coisas todas que eu sei que ela sabia que eu sei que ela sentia.

Quando ela finalmente se inclinava para a frente, eu ia para os cotovelos, os cotovelinhos, os cotovelozinhos, duas conchas, duas conchinhas polidas e hidratadas pela minha saliva, minha salivinha. Quando nos conhecemos, os cotovelos eram dois nós secos de madeira (do tipo de madeira comida por cupim, cheia de buracos, frágil demais, porosa até o osso, até a seiva), eram esferas de lixa, grossas, desgastadas, mas fortes, os calcanhares de um gorila. Diferente das outras partes, os cotovelos não tinham cheiro — talvez algo distante que lembrasse algodão ou pele muito lavada. Desconfiava, às vezes, de que fosse o cheiro da minha própria saliva, e isso me desagradava, então eu passava para os ombros.

Ela tremia ligeiramente quando eu chegava aos ombros. Meu queixo nu e macio raspava a pele deles, subia devagar, contornava suas clavículas, e eu deixava ali, dentro delas, dentro daquelas pequenas cumbucas cremosas, uns tantos beijos, umas gotas de saliva, meu desejo represado pela curva dos seus ossos. Os ombros eram uma das melhores partes para degustar:

como pãezinhos, eu os mordiscava, deixava ali a marca dos meus dentes e a via revirar os olhos.

era somente quando eu chegava aos ombros que sentia melhor o seu hálito: leitoso e quente. pegajoso e doce. colava em mim, no meu rosto, nos meus lábios feito um feitiço, e ela toda bruxa, cachorra, meretriz-mãe, ela toda serpente, com os olhos cravejados de topázios amarelos, o manto azul estrelado de uma santa rota e desfeita sendo sombra para o corpo largo e nodoso de árvore, ela, toda dona, me alimentava com seus cheiros, seus gestos, e eu ia degustando lentamente, ainda mais perturbado com seu poder sobre mim, sobre a minha inocência, sobre os meus carinhos que queriam continuar — e continuavam.

Por algum motivo que nunca descobri nem quis explorar, eu atravessava o pescoço sem tocá-lo, nem com os lábios, nem com a ponta da língua. Nada. Eu pulava o pescoço como se não fosse uma parte dela — ou uma parte que me fosse proibida. Ela também não queria, não pedia e parecia não achar necessário, talvez por ser um ponto de dor e de contração da jugular, algo simbólico na ligação potencial entre sua cabeça e seu corpo. Passando o pescoço, ficava-nos subentendido que as orelhas eram as próximas a serem degustadas.

As orelhas eram pequenas e duras, cartilagens de madrepérola envolvidas pela seda comum às orelhas. Nesses momentos em que minha boca chegava aos lóbulos, enrijecendo sua nuca de prazer, acontecia o primeiro de dois movimentos que ela fazia com as mãos, tocando-me com elas pela primeira vez. Enquanto eu lambia as orelhinhas, os cantinhos cobertos por uma pasta branca que se acumulava na falta de limpeza, ela

apertava as minhas próprias orelhas, com uma pressão maior nos lóbulos, deixando-os vermelhinhos e quentes. Isso me incomodava às vezes, mas prosseguíamos, até que eu tivesse experimentado toda a cera guardada em seus ouvidos, amolecida com o calor do meu hálito, transformada em suco espesso, cor de caramelo, néctar tirado de uma flor amarga, impressionada com o que ouve.

Pelos cabelos eu passava rapidamente, não gosto muito de falar deles.

Sua testa não tinha sabor de nada, e eu sempre ia logo para os olhos, os olhinhos do meu amor — não porque faltasse desejo pela testa ou porque ela fosse sem graça, mas porque eu ficava ansioso pelos olhos, precisava chegar logo até eles, abri-los com a língua no instante em que ela os fechasse para me provocar, um jogo que me excitava, causando pequenos gozos internos. Lambia devagar seus olhinhos úmidos e quentes, começando pelo esquerdo, o olho da minha musa, a minha Medusa; em seguida seus longos cílios, assustados como os de um cavalo, varriam minha língua, pinicavam a parte superior dos meus lábios, fazendo cócegas.

Então eu descia para o nariz. Não posso chamar de narizinho, era um nariz grande, respeitável, do tamanho de uma batata-doce roxa, e era igualmente roxo. Roxo de cravos. Meus dentes estouravam os cravos, os traziam para fora da pele gordurosa e rompiam as minhocas cremosas, os pontos duros que lembravam a sujeirinha de areia de suas unhas. E ele, o narigão de batata-doce roxa, ficava ainda mais escuro de sangue. Dolorido, ela dizia, sem parecer se importar porque era apenas uma constatação. Minha língua entrava ansiosa, curiosa, mais do que molhada, em suas narinas; lambia o amargo das cascas, do muco seco, trazia para fora os fios gelatinosos de suas entranhas.

Sua boquinha: tão pequena em comparação com o nariz. Sua boquinha era proibida. Quando meu rosto descia, ela apertava os lábios. Eu não podia tocar ali, nem com a boca nem com os dedos. Estava proibido, e meu desejo se mantinha velado. Ela nada sabia, e se soubesse, as coisas teriam continuado assim, porque assim deveriam ser. Um perfume quente vinha daquela boca, daquela boquinha tão minha, mas tão distante e sozinha. E mesmo pequenininha, era vermelha e cheia como um moranguinho.

Com paciência, eu degustava os seus seios, duas colinas gordas. Estes, sim, tinham cheiro: um cheiro estranho, mas gostoso feito cheiro de bunda, de coisa mole, fácil de pegar, de amassar, de sovar. Lambia os biquinhos, os anéis escuros, os dominhos, as pontinhas, lambia tudo. Mamava. Não saía leite, a época tinha passado. Mamava de mentira, sem fazer força, porque não seria tão elegante, não seria uma verdadeira degustação.

o umbigo era fundo, profundo, e recendia a vísceras. vísceras sujas de merda. o buraco perfeito para a língua, onde ela cabia, onde ela dormia, onde se sentia em casa. eu cheirava e lambia, cheirava e lambia, cheirava e lambia, cheirava e lambia, sugava como se dali eu fosse arrancar meu suco vital, minha placenta.

Chegava o instante do outro movimento, quando ela me tocava pela segunda vez: segurava minha cabeça, apertando minhas têmporas, envolvendo meu crânio com os dedos e estes com os joelhos, forçando minha boca aberta, cansada, cheia de formigas, entre suas pernas. A vagina pulsava, pingava tranças de um mel brilhante e cheiroso, com textura de flores, de anêmonas incendiadas, de frutos maduros demais, de leite, de

terra quente, de ovos moles lambidos por azeite, de óleos essenciais, de hóstias manchadas de sangue, de orações, de besouros e cigarras mastigadas, do veneno da adoração. A textura fibrosa e embrionária de um grito. Era ali que ela me engolia, que seus lábios se abriam e meu corpo inteiro era recebido de volta, minha idade e meu tempo eram devolvidos à tranquilidade amniótica do útero. Eu entrava inteiro dentro dela, abria as suas paredes com os cotovelos e os ombros, ajeitava meu corpo em seu ventre — o bom filho que a casa retornava. Voltava a ser o feto que coagulava seu sono e fecundava seus sonhos.